

HISTÓRIA

O estudo da história militar pelo candidato a oficial e oficiais dos diferentes postos

(Observações da Subdireção do Ensino da EME a uma Conferência do então Maj Humberto Castello Branco).

NOTA — Em 1940, como Subdiretor do Ensino da então EEMEx, fui levado a fazer estas observações.

Hoje, tomando conhecimento da orientação prescrita pelo EME para o ensino da História Militar na AMAN, achei oportuno republicar as observações de 1940, ainda cabíveis na meditação de problema de tão grande magnitude.

É sempre conveniente reafirmar que o ensino do futuro oficial deve ser limitado aos fundamentos essenciais de uma cultura que se desenvolverá passo a passo e que só atingirá o seu "climax" nos postos elevados.

GEN TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

OBSERVAÇÕES DA SUBDIREÇÃO DO ENSINO DA ESCOLA DE ESTADO-MAIOR

A circunstância de terem as conferências do Major Castelo Branco aproveitado aos oficiais alunos do Curso de Estado-Maior sugeriu a esta Subdireção a conveniência de despertar a atenção daqueles oficiais para algumas observações que, de há muito, devem ter ocorrido ao espírito dos estudiosos da História Militar.

A benevolência do Exmo. Sr. General Chadebec de Lavalade, Chefe da Missão Militar Francesa, desejou que essas observações aqui figurassem, em aditamento ao quadro que, em pinceladas nítidas, o conferencista nos deu da atuação de Caxias — Comandante-em-Chefe na Guerra da Tríplice Aliança.

Elas põem em evidência três ordens de questões que ainda não foram encaradas de maneira completa pelos nossos historiadores militares e que estão a exigir delas se cuide, sem tardança.

IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA HISTÓRIA MILITAR E SUA SERIAÇÃO

Ninguém desconhece a importância dos estudos de História Militar na formação do Chefe e consequentemente o valor do método histórico na solução dos problemas militares.

Nos depoimentos dos grandes capitães encontra-se, quase sempre, a homenagem rendida à história das guerras passadas. As Escolas e os cursos militares dão a êsses estudos grande parte dos seus esforços.

Nesta Escola, é de monta o que se tem realizado de 1920 para cá. Do acervo de nossa biblioteca, podemos salientar: a Conferência inicial do General Gamelin sobre a estratégia de Napoleão; a campanha de 1851-1852 do então cap Genserico de Vasconcelos; as conferências — sínteses do General Tasso Fragoso sobre a Batalha do Passo do Rosário e a Guerra da Tríplice Aliança; essa verdadeira biblioteca que é o *Cours de Strategie et d'Historie Militaire*, legada pelo inolvidável mestre Coronel Derougemont; as brilhantes exposições do General Noel e de seus auxiliares sobre as campanhas napoleônicas e a guerra 1914-1918.

Essa vasta documentação compensa, de algum modo, a limitação que a escassez do tempo impõe aos estudos especiais de História em cada ano do curso. O seu manuseio pelos oficiais de Estado-Maior é uma necessidade, como obrigação e também como recreação.

Contudo, já é tempo de dar maior esforço aos estudos da História Militar, ampliando o desenvolvimento dos trabalhos anteriores.

Sabem os senhores que se estuda a História Militar desde os bancos da Escola ou Academia Militar até o Curso de Alto Comando.

Porém claro é que nos diversos escalões de estudo não se deve pretender a mesma finalidade.

No nosso entender e ampliando uma idéia de J. Colin em "Transformations de la Guerre", podem-se admitir quatro estágios para o estudo da História Militar:

Primeiro estágio — Elementar — destinado a dar apenas uma idéia geral:

Dos fatos militares do passado;

Da evolução da tática e do armamento;

Da fisionomia dos combates modernos;

Da natureza dos problemas magnos da organização do país para a guerra;

Dos fundamentos dos atuais processos de combate.

Por outro lado, no estudo da História Militar Nacional há um aspecto de capital importância e que não deve ser esquecido neste estágio. É a educação patriótica do futuro oficial, pondo em relevo o valor da raça, as virtudes do soldado brasileiro, isto é, visando a formação da tradição militar.

É o estágio da Escola ou Academia Militar. Estamos habituados a ver lamentável distorção nos programas da Academia, isto desde a época em que fui Diretor do Ensino Militar, no Realengo. Perde-se tempo com a História antiga e relega-se para plano secundário as campanhas nacionais. Chega-se até a querer fazer do cadete um historiógrafo, sem que tenha desenvolvimento cultural para fazer crítica. Daí os meus receios de que ao invés de despertar o gôsto pelos estudos históricos provoque-se a ojeriza aos mesmo. É problema a ponderar.

Segundo estágio — O médio — destinado principalmente à análise dos meios e dos processos de combate nas guerras mais recentes e naquelas em que as condições particulares mais se assemelham aos casos de luta na América do Sul.

Corresponde ao estudo pormenorizado da Tática nos escalões inferiores ao da Divisão sempre à luz dos casos reais ou vividos.

É o que se processa no aperfeiçoamento da instrução dos oficiais e eventualmente em sua preparação para a matrícula na Escola de Estado-Maior.

Terceiro estágio — O superior — preocupando-se principalmente com a análise da ação do comando, o seu trabalho intelectual, os planos de operações, as idéias de manobra, as circunstâncias em que essa ação se desenrola, os resultados alcançados e, ao lado dos ensinamentos diretos colhidos do estudo de cada operação, apreendem-se os princípios e os processos adotados, a doutrina e o método.

É a esfera das cogitações do Curso de Alto Comando e do Curso de Estado-Maior; finalmente.

Quarto estágio — O do historiador propriamente dito — Este segue através das épocas as transformações de um elemento qualquer — o armamento, os processos, a doutrina, etc.; estabelece conclusões de ordem geral e prática; e fixa o sentido da evolução.

É certo que, nessa seriação, não há separações estanques absolutas. Os programas de cada estágio se interpenetram, têm pontos de contacto muito estreitos.

Decompondo o problema como o fizemos tivemos o escopo de acentuar em cada estágio a linha do maior esforço, de maneira a que sempre se distingua o principal, o essencial, do secundário.

Cremos que se deve ter muito tento nessa seriação, pois, o seu desnhecimento por parte dos professores e a sua inobservância nos programas de ensino, são causas de fracassos e até de certo desprestígio do ensino da História Militar entre nós. Como seria, por exemplo, desa-

certado impingir-se aos cadetes da Escola Militar a análise pormenorizada dos planos de operações, dos planos de manobra das campanhas napoleônicas e da atuação do grande corso em tôdas as suas principais batalhas! Far-se-ia o cadete viver em ambiente de alta estratégia, quando no domínio da ciência militar mal engatinhava. Pôsto o estudo nesse plano elevado só haveria prejuízo para o ensino do essencial, do que interessa imediatamente ao futuro comandante de pelotão ou seção, o conhecimento dos meios de combate moderno e os fundamentos históricos dos atuais processos de combate, como procuramos definir para o 1º estágio dos estudos.

Se considerarmos o caso dos candidatos à matrícula no Curso de Estado-Maior, a mesma advertência se impõe. Muitos dêles terão se entusiasmado por estas conferências do Major Castelo.

É porém de convir que os aspectos considerados, muito à altura dos cursos de Estado-Maior e de Alto Comando, não estão na esfera do seu interesse imediato e conhecimentos atuais.

Para êles os estudos deveriam seguir um plano bem diverso destas conferências.

Conhecendo o desenrolar cronológico das operações, o ambiente moral, todo o acervo de exemplos de virtudes militares e os demais conhecimentos focalizados para o 1º estágio, o candidato fará maior esforço visando o conhecimento da fisionomia dos combates, do emprêgo das armas à luz dos regulamentos da época e comparados com as idéias modernas, do valor tático do terreno e de tôdas as circunstâncias que poderiam ter influído na batalha, etc.

Dêsse modo, respeitar-se-ia a regra da economia do esforço e se garantiria em cada curso o estímulo da novidade, fator do interesse e do bom êxito.

A FORMAÇÃO MILITAR DE CAXIAS

Qual teria sido a influência da História Militar na formação militar do grande Chefe? Qual teria sido a formação militar de Caxias?

Para nós que nos preparamos pelo estudo e pela meditação, há o que aprender nessa indagação que ainda está por fazer-se.

Quanto ensino não brota da leitura de *Education Militaire* de Napoléon de J. Collin, de que o Exmo. Sr. General Noel nes fêz aqui, há tempo, ótima síntese?

Pouco sabemos da formação de Caxias. Genserico de Vasconcelos nos dá notícia do programa da Academia Real Militar do Rio, fundada em 1810 e de que Caxias possuía os cinco primeiros anos. Vale a pena dizer-se que o 5º ano compreendia Tática e Estratégia, castramentação e fortificação de campanha e química e que os primeiros anos forneciam base científica.

Diz o autor citado: Caxias possuia, desde que se examine o programa que lhe guiou os estudos, a base de uma vasta cultura científica e profissional, alimentada em sua longa vida, pelo estudo e pelo trabalho.

Outro juízo imparcial e por isso valioso é o da Monografia da Campanha de 1851-1852, do Estado-Maior Argentino:

“Dotado de sólida instrução geral e profissional, respectivamente adquiridas no Liceu Imperial e na Academia Militar do Rio, fortaleceu e alargou essa preparação com a leitura meditada de boas obras profissionais.”

Seria interessante que se indagasse da influência da doutrina napoleônica na formação militar de Caxias e se, em sua época, já eram conhecidas as “Correspondências de Bonaparte”, as obras dos seus comentadores, principalmente de Clausewitz e o que se fazia no Exército alemão para a preparação do Estado-Maior e do Comando sob a direção de Scharnhorst, Willesen e Clausewitz.

Na obra do Sr. General Tasso Fragoso, encontramos indícios de que Caxias estava a par do que se escrevia no domínio da arte militar.

Em carta a Mitre, respondendo à Memória deste a respeito das operações em torno de Humaitá, Caxias comenta acontecimentos da Guerra da Secessão, utilizando-se da obra de Roussillon-Puissance Maritime des Etats Unis.

Uma busca nos arquivos e nas bibliotecas da época nos darão o fio dessa formação e uma das razões porque tanto acatamento merecia a opinião do grande chefe, toda vez que um conselho ou uma atuação devessem salvar uma situação difícil.

O ESTADO-MAIOR DE CAXIAS

Aos oficiais de Estado-Maior deve ser grato saber qual teria sido a cooperação do Estado-Maior nas decisões e atuações de Caxias.

Que era o Estado-Maior na época e qual o seu valor?

O corpo de Estado-Maior já existia há muito tempo, mediante uma formação científica aprofundada (Regulamento da Escola Militar de 1845). Porém não tínhamos organizado o Estado-Maior propriamente dito para a paz e para guerra.

Ensina-nos sempre Genserico de Vasconcelos, que uma lei de 1851 criou repartições do ajudante general, quartel mestre general e secretário militar para o Exército do Rio Grande do Sul, cujas atribuições correspondem às atuais dos nossos Estados-Maiores em campanha.

Cabe ao primeiro Ministério Caxias lançar as bases, o embrião do atual Estado-Maior do Exército, criando em 1857 a Repartição de Ajudante-Geral do Exército, como lhe coube em 1851 instituir pela primeira vez o cargo de Chefe de Estado-Maior em campanha.

É curioso anotar os nomes dos oficiais que serviram no Estado-Maior de Caxias, tanto em 1851/52 como em 1866/68: Miguel de Frias, José Mariano de Matos, Albino de Carvalho, Lassance Cunha, Gama Lobo D'Eça, Fonseca Costa, José Carlos de Carvalho, Rufino Enéas Galvão, Madureira, etc. E sobretudo convém destacar João de Souza da Fonseca Costa, que, ajudante-de-ordens de pessoa na guerra 1851/52, será o Chefe do Estado-Maior de Caxias e continuará sendo o do Conde d'Eu.

Quanto valor não terá tido a colaboração do Tenente, do Coronel e do Brigadeiro Fonseca Costa — o homem de confiança de Caxias — na atuação do Comandante-em-Chefe?

Diz ainda Genserico de Vasconcelos: "Se o nosso Estado-Maior não foi o que nós pensamos atualmente de um tal órgão, ele era coevamente tão bom quanto os melhores e possuia superioridade incontestável, no ponto de vista da organização e da capacidade pessoal, sobre os dos Exércitos aliados e dos que íamos combater".

COLABORADORES DA REVISTA

Como nossos leitores facilmente compreenderão, uma Revista não pode alcançar um sólido prestígio sómente com os bons propósitos de seus Diretores. O pessoal da Direção de A DEFESA NACIONAL, limitado a seus próprios esforços, não pode fazer uma revista de primeira qualidade.

Sem colaboradores, sangue e seiva de uma Revista, nenhuma publicação pode subsistir. Se em alguma oportunidade, leitor amigo, realizou algum trabalho que julga de importância ou útil aos companheiros, faça-o conhecer. Não o guarde sómente para si. Reveja-o, dê-lhe um título apropriado e nos remeta. Tenha certeza que apreciaremos devidamente seu esforço e o faremos publicar, se estiver de acordo com os princípios que norteiam nossa Revista. Terá, assim, prezado companheiro, a satisfação moral de haver contribuído com seu esforço para engrandecimento de A DEFESA NACIONAL.

Pede-se endereçar ao Diretor-Secretário de A DEFESA NACIONAL (Ministério da Guerra — Ala Visconde da Gávea — Rio — Estado da Guanabara) quaisquer sugestões sobre esta Revista, assim como trabalhos que forem julgados adequados à publicação neste mensário.